

PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

REVISTA DE
GEOGRAFIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia>

O ESPAÇO URBANO DAS MULHERES NA CIDADE DE SOROCABA-SP: DESIGUALDADES DE GÊNERO E TERRITORIALIDADES

Renata Nunes¹

¹Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba. E-mail: re.nunes.geo@gmail.com

Artigo recebido em 29/05/2019 e aceito em 25/11/2019

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender a produção de espaços a partir da luta das mulheres na cidade de Sorocaba, localizada no interior do Estado de São Paulo, através da atuação dos diferentes movimentos de mulheres, além de analisar a relação dialética que existe entre os espaços de representação e as representações do espaço (segundo concepção de Henri Lefebvre) no município para assim compreender a formação de possíveis territorialidades que surgem a partir das demandas do cotidiano dessas diferentes mulheres. Para tanto decidimos acompanhar as ações ligadas ao Conselho Municipal dos Direitos da Mulher para averiguar como se consolidam essas territorialidades.

Palavras-chave: Mulheres; Espaço Urbano; Cidade; Gênero.

THE URBAN SPACE OF WOMEN IN THE CITY OF SOROCABA-SP: GENDER INEQUALITY AND TERRITORIALITY

ABSTRACT

This article aims to understand the making of spaces from women strife in the city of Sorocaba, located in the interior of São Paulo, through the actions of different kinds of women movement, and analyze the dialectical relation between the Spaces of Representation and the Representational Spaces (according to the conception of Henri Lefebvre) in the city, to understand the formation of possible territorialities that appears from the everyday demands of these women. To that, we decided to follow the actions linked to the Women Rights City Counsel to find out how are these territorialities.

Keywords: Women; Urban Space; City; Gender.

INTRODUÇÃO

Este artigo intenciona compreender a produção de espaços de representação e representações do espaço (segundo contribuições de Henri Lefebvre) a partir da análise dos movimentos de mulheres na cidade de Sorocaba - SP, bem como a construção de territorialidades resultantes desse processo. O contexto da pesquisa se insere de um modo mais amplo, na relação entre a questão de gênero e a Geografia.

A temática da relação entre Gênero e Cidade é consideravelmente ainda pouco explorada no âmbito da Geografia, sobretudo no contexto da cidade de Sorocaba, o que conduziu a realização da pesquisa de acordo com uma indissociável relação entre teoria e técnicas de pesquisa de campo. Disso resulta a escolha metodológica pelas incursões a campo. Nesse aspecto, foi central a participação em eventos e atividades relacionadas à causa da mulher na cidade, além de entrevistas semiestruturadas que trouxessem a voz de diferentes mulheres que atuam em Sorocaba para assim conhecer um pouco mais suas vidas, cotidiano e sua relação com o urbano.

A partir desse enfoque, desenhou-se uma estratégia de pesquisa para reconhecimento das lideranças femininas na cidade e assim compreender seus processos de luta e apropriação do espaço, articulando seus espaços de representação e as representações do espaço, ao que voltaremos com o devido cuidado no decorrer dessa escrita. Deste modo, uma “visão de sobrevôo”, como escreve Marcelo L. Souza (2007) em alusão a Maurice Merleau-Ponty, um olhar de longe, não seria o suficiente para abarcar toda a complexidade do fenômeno. Foi necessário ir mais a fundo na investigação, conjugar diferentes escalas, olhar de perto e de dentro¹, em diferentes momentos, adentrar ao nível mais próximo da vida cotidiana, conhecer movimentos e organizações de mulheres através da participação em diferentes eventos e atividades.

E só é possível apreender estas realidades, realizações e ações a partir de uma escala de proximidade,

Como adentrar os ‘mundos da vida’ sem descer à escala das pessoas amontoadas ao relento nas calçadas ou embaixo dos viadutos, à escala das celas e dos diversos espaços de uma penitenciária, à escala da faina diária dos ambulantes, à escala dos espaços do trabalho das prostitutas fazendo seu trottoir noturno? (SOUZA, 2007, p.110)

1 MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2002, vol.17, n.49, pp.11-29.

Como descobrir os espaços de luta e resistência sem nos debruçarmos nos movimentos de mulheres? Como conhecer as contradições do espaço urbano sem conhecer como essas mulheres vivem e se organizam? Tais questionamentos contribuem para a compreensão dos processos atuantes e conhecimento do modo como os espaços são produzidos mediante estas inúmeras ações. Resulta que da luta por ter lugar, vez e voz na cidade, as mulheres produzem territorialidades em sua prática socioespacial, seja no interior dos movimentos de mulheres, seja na vida cotidiana propriamente dita.

Como assinalado anteriormente, optou-se pelo trânsito entre diferentes escalas de análise ao invés de adotar um “olhar” exclusivo, questionar os processos maiores que atuam na produção dos lugares, como o modo de produção capitalista e o processo de opressão por meio do patriarcado², bem como mergulhar no estudo próximo, na vida. Busca-se assim, “combinar os olhares - o de perto e o de longe, aquele que permite ‘colocar-se de fora’ (e à distância) com aquele que exige ‘estar dentro’” (SOUZA, 2007, p.111) como parte desse processo de compreensão dos fenômenos. Desta forma, o adentrar as territorialidades produzidas pelas e para as mulheres – a exemplo dos espaços conquistados pela luta por direitos (o próprio Conselho Municipal de Mulheres e o Centro de Referência da Mulher³ dentre outros), não é uma escolha só teórica, mas também política de tentar se aproximar dos sujeitos.

Deste modo, desenvolve-se a seguinte questão central e norteadora da pesquisa: Como as mulheres produzem suas territorialidades na cidade de Sorocaba? Esta questão resulta de um desejo em identificar os espaços simbólicos e físicos que as mulheres ocupam (ou não) bem como reconhecer as diferentes lutas e formas de apropriação dos mesmos, dentro da cidade de Sorocaba.

Para tanto, como forma de tentar elucidar a questão, constrói-se uma hipótese norteadora de que no movimento de mulheres, as mesmas desenvolvem estratégias partindo dos espaços de representação (LEFEBVRE, 2006) - a partir das demandas concretas do cotidiano - para construírem representações do espaço a fim de que possam estabelecer suas próprias

² Entende-se por patriarcado “como o próprio nome indica, (...) o regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens (SAFFIOTI, 2015, p.47)”, sendo um de seus elementos nucleares o controle da sexualidade feminina como aponta Saffioti (2015).

³ Centro de Referência da Mulher Selma Said (CEREM), administrado pela Coordenadoria da Mulher da Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes) e com supervisão do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (CMDM) atua na construção da cidadania da mulher, ampliando seus conhecimentos sobre direitos e o entendimento sobre as relações de gênero. O Centro de Referência da Mulher está localizado na Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, 440, no Centro, em frente à Rodoviária. O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h. Disponível em:< <http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/centro-de-referencia-da-mulher-atende-em-novo-telefone/>>. Acesso em: 02 de mar. 2019.

representações (políticas, culturais, econômicas, entre outras). O chão onde estas práticas se consolidam resultam em territórios de luta por seus direitos, e nele a expressão concreta de suas territorialidades.

Uma questão a ser pontuada na análise desses movimentos de mulheres refere-se ao exclusivismo – ou predominância – de mulheres nesses espaços produzidos, a exemplo do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (CMDM), do Centro de Referência da Mulher (CEREM), do projeto Promotoras Legais Populares (PLP), espaços destinados à arte, cooperativas de trabalho, dentre tantos outros, onde a presença de homens pode eventualmente aparecer como público espectador. No contexto desse artigo, entende-se que se trata de uma estratégia fundamental no sentido de se caracterizar como um momento de um processo mais amplo que almeja superar um déficit histórico e alcançar a igualdade de gênero. Ou seja, a situação de exclusividade de mulheres nos movimentos de mulheres ocupa um momento de estratégia de um movimento mais amplo que possa, superado esse déficit histórico, dissolver-se num mundo mais igualitário em relação às questões de gênero.

Na totalidade do espaço da cidade o caminho metodológico construído para delimitação da área de estudo foi aquele de identificar o universo da pesquisa que correspondesse aos espaços de representação e representações do espaço, liderados por mulheres. A partir disso, realizaram-se as seguintes etapas: levantamento das entidades, instituições de mulheres, lideranças e eventos, além da observação de acontecimentos de relevância para o tema. Deste modo, inicia-se a pesquisa a partir da delimitação desses espaços de representação e não de uma única região ou localidade específica, sendo a área de estudo o próprio município de Sorocaba, localizado no interior do estado de São Paulo.

A pesquisa se debruça sobre o movimento de mulheres no sentido amplo e identifica dois movimentos com causas mais específicas: um em torno das ações do Conselho Municipal da Mulher e outro em torno das ativistas artistas. Assim, no decorrer do texto, ora será citado o movimento de mulheres (no sentido geral) e os movimentos de mulheres (no sentido que reúne diversas frentes de atuação). Destaca-se também que existe um trânsito entre esses movimentos em que as mulheres que estão engajadas na organização tem um diálogo entre a atuação política (vinculado sobretudo aos direitos e à superação da violência contra a mulher) e a potência da arte e cultura.

Deste modo, justifica-se a necessidade da pesquisa para a compreensão sobre a construção de políticas públicas que beneficiem as mulheres, principalmente no que tange ao

combate à violência, dado o grande número de casos na cidade e região. Em levantamento preliminar realizado junto à mídia local hegemônica, representada pelo Jornal Cruzeiro do Sul, pode-se observar o aumento de casos de feminicídio no interior do estado de São Paulo no ano de 2018, além de outros dados alarmantes como a quantidade de casos de violência contra a mulher, registrados na Delegacia da Mulher da cidade de Sorocaba.

Na continuidade, propõe-se analisar os espaços de representação e as representações do espaço produzidos por mulheres. Seguindo pelos conceitos de Henry Lefebvre, procura-se compreender como estas categorias se relacionam com o espaço urbano de Sorocaba. Neste momento apresentam-se relatos de campo sobre inúmeras atividades e acontecimentos de relevância para a pesquisa, como eventos e mobilizações artísticas de promoção dos direitos da mulher e combate à violência e exploração generalizada.

A cidade e o gênero: reflexões sobre as desigualdades de gênero no espaço urbano e a formação de territorialidades.

Para compreender a cidade e as relações de gênero estabelecidas em toda sua complexidade é necessário retomar o fato de que este espaço urbano não é vivenciado e apropriado pelas mulheres da mesma forma como se observa em relação aos homens. O espaço urbano da cidade é marcado fortemente pelo gênero⁴, uma vez que a cidade se projeta como uma construção histórica marcada de espaços feitos para o homem permanecer.

Há certa lógica do uso destes espaços, que passam a ser apropriados de inúmeras formas a depender do corpo que nele se insere de modo que,

Nas cidades, a rua é eminentemente um espaço público que, para muitas pessoas, representa um lugar de passagem e de trânsito cotidiano. Os(as) sujeitos(as) não as percorrem e vivenciam igualmente e livremente. Existem regulamentos sociais explícitos e implícitos que limitam o acesso a esse espaço público e que não permitem, muitas vezes, as pessoas vivenciá-lo. Entre os regulamentos tácitos existentes estão os relacionados às questões de gênero, sexualidade e raça que definem qual corpo pode, ou não, estar em determinada rua e em determinado horário. (MACHADO e RATTS, 2017, p.197)

⁴ Apesar das inúmeras conceituações que a categoria gênero possa apresentar, a depender das autoras utilizadas, compreende-se para efeito deste artigo enquanto apresentado por Heleieth Saffioti (2015) no livro “Gênero, Patriarcado, Violência” no qual, ainda que de limitado consenso, gênero pode ser compreendido como construção social do feminino e masculino, e deste modo segundo Joan Scott *apud* Silva (1990, p.14) “um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos”.

À mulher cabe a passagem rápida, o destino final nos horários certos, rumo a casa. Na cidade seu território ao ar livre é constantemente vigiado, e sua permanência neste ambiente é oposição e subversão.

Os estudos de gênero dentro da Geografia contribuem assim para a compreensão das relações e tensões existentes nestes espaços de disputa que resultam em um uso muitas vezes restrito de determinados locais pelas mulheres, que ocorrem em função dos diferentes horários do dia, da iluminação das vias, dos movimentos de pessoas entre tantos outros aspectos. São metamorfoses das formas de apropriação do espaço sob determinações de uma sociedade em que impera a desigualdade de gênero, que produz e reproduz territorialidades resultantes da luta cotidiana para ser, estar e permanecer como mulher nos espaços da cidade.

A partir dessas vivências, privações, percepções e apropriações do espaço urbano as mulheres criam mapas mentais que as auxiliam a circular na cidade, procuram espaços seguros em contraposição aos espaços do medo, buscam espaços fortemente iluminados em contraposição à escuridão de algumas ruas, procuram o movimento de transeuntes ao invés de se aventurar em alguns locais ermos. Nota-se assim a dualidade do espaço urbano de modo que

As inclusões comportam exclusões: há lugares interditos (sagrados-malditos, heterotopias) por diversas razões, e outros lugares permitidos ou recomendados, o que qualifica dramaticamente as partes e partições do espaço opondo o benéfico e o maléfico, distinguindo-os do neutro. (LEFEBVRE, 2006, p.401)

Ressalta-se que ao abordar os lugares interditos, Lefebvre não se ateu às questões de gênero, mas podemos facilmente estabelecer esta conexão, uma vez que muitos espaços são considerados “impróprios” para um corpo feminino, sendo que “a maior parte dos interditos é invisível” (LEFEBVRE, 2006, p.434), não há muros ou barreiras separando os espaços, mas signos e símbolos presentes nos locais que dificultam seu acesso total.

Reconhecer a importância do conceito de gênero é essencial para compreender como essas interações se estabelecem enquanto relações de poder, que perpassam as relações sociais tanto de produção e reprodução e que também produzem o espaço. Estas relações estão presentes em diversos níveis, desde o global (G), ao nível mediador (M) e também no nível próximo (P) da vida privada (LEFEBVRE, 1999).

Ao esmiuçar as relações de gênero para assim traçar um paralelo com os níveis G, M e P de Lefebvre percebe-se que tal fenômeno se revela por meio das ações do Estado através dos ditames do modo de produção capitalista e de uma sociedade patriarcal; do Município e empresas privadas que atuam no nível das políticas públicas e de planejamento através do

reforço das desigualdades de gênero e da população em seu cotidiano. Sob diversas perspectivas se observa a clara assimetria existente nas relações de gênero que atravessam as relações sociais na família, trabalho e lazer, reportando-se à tríade da vida cotidiana e do cotidiano (LEFEBVRE, 1991), remodelando e transformando o espaço, interferindo no urbano e na cidade.

Se em vários níveis há a presença do gênero instituída mediando as relações sociais e a prática social existe, portanto, uma produção espacial igualmente marcada pelo gênero, em uma relação em que,

A prática espacial de uma sociedade secreta seu espaço; ela o põe e o supõe, numa interação dialética: ela o produz lenta e seguramente, dominando-o e dele se apropriando. Para a análise, a prática espacial de uma sociedade se descobre decifrando seu espaço. (LEFEBVRE, 2006, p.65)

E deste modo, onde há opressão, há enfrentamento “[...] as forças fervilham nesse espaço. A racionalidade do Estado, técnicas, planos e programas, suscita a contestação.” (LEFEBVRE, 2006, p.46). Embora este urbano se apresente com todas as suas problemáticas e tensões é nele próprio que segundo a concepção “lefebvriana”, encontra-se a possibilidade do novo, de superação, de outro urbano. Aí reside o momento utópico a ser percorrido no horizonte do devir.

Através da luta diária para ocupar e se apropriar deste espaço urbano da cidade, as mulheres criam novos rearranjos espaciais, novas territorialidades de tal forma que “através de suas ações de apropriações do espaço urbano, elas constroem novas significações dos lugares (MACHADO e RATTIS, 2017, p. 199)”.

Para tanto, necessita-se assim de um olhar diferenciado para compreender os processos de transformação do urbano e de produção de territorialidades uma vez que a luta pela apropriação dos espaços não é silenciosa, é marcada pela resistência: estar nos espaços e apoderar-se deles não é fácil. A luta de classes produz seu espaço assim como a luta das mulheres também o faz e, de inúmeras maneiras estão imbricados na prática socioespacial. Deste modo, o espaço ao qual nos referimos, não é um palco ou recipiente de algo, muito menos uma construção homogênea, é muito mais complexo. Este espaço produzido socialmente ao estar inserido no modo de produção capitalista, produz uma espacialidade específica a depender das lutas de classe e dos arranjos de poder que se fazem presentes, de modo que,

cada sociedade (por conseguinte, cada modo de produção com as diversidades que ele engloba, as sociedades particulares nas quais se reconhece o conceito geral) produz um espaço, o seu (LEFEBVRE, 2006, p.56)

E neste espaço social inserido no modo de produção capitalista há três níveis que se relacionam, “o da reprodução biológica (a família) - o da reprodução da força de trabalho (classe operária como tal) – o da reprodução das relações sociais de produção” (LEFEBVRE, 2006, p.57) tornando a análise mais complexa. Nota-se que apesar do autor não abordar desta maneira, as relações de gênero estão fortemente inscritas neste espaço social, uma vez que ambos os níveis de reprodução perpassam as diferenças entre ser homem e mulher na sociedade capitalista, tanto no interior da residência, bem como no mercado de trabalho e nas relações constitutivas dessa sociedade. De modo que,

As representações das relações de reprodução consistem em símbolos sexuais, do feminino e do masculino, com ou sem os das idades {gerações}, juventude e velhice. Simbolização que dissimula mais do que não mostra, visto que essas relações se dividem em relações frontais, públicas, declaradas e portanto codificadas – e relações veladas, clandestinas, reprimidas e definidoras desde então de transgressões, em particular no que concerne não tanto ao sexo como tal, mas à fruição sexual, com suas condições e consequências (LEFEBVRE, 2006, p.58)

Reconhece-se aqui uma tentativa do autor em salientar as assimetrias nas interações entre o masculino e o feminino, no que se refere às relações de reprodução, destacando ser este um fator que torna a análise mais complexa, apesar de não ser esta a preocupação inicial do mesmo. Destacando dualidades nestas interações como entre relações veladas e declaradas, públicas e reprimidas, que resultam em transgressões. Pode-se relacionar o mesmo trecho com outras interações como a relação público-privado e as transgressões que as mulheres fazem ao romper esta barreira.

Ao buscar percorrer novos caminhos no estudo da Geografia Urbana há uma tentativa neste artigo de aproximação da obra de Henry Lefebvre com nossa problemática do espaço das mulheres na cidade, bem como das relações de gênero.

Deste modo, para além dos conceitos do autor já explicitados, vamos nos ater à seguinte tríade: prática social, representações do espaço e espaços de representação, que nos auxiliará a compreender os espaços que as mulheres ocupam na cidade, bem como os tensionamentos que

surgem nestes lugares. Esta tríade nos auxiliará a conhecer como os diversos níveis do real⁵ (concebido, percebido e vivido) atuam e transformam as relações. Para tanto, é necessário esmiuçar estes conceitos para compreendermos como a prática ocorre.

A prática social engloba os aspectos da produção e reprodução da vida, já as representações do espaço abarcam as relações de produção do sistema vigente, bem como aspectos relacionados ao planejamento urbano, as normas, a ordem. Contrapondo-se a esta última há ainda os espaços de representação, que iremos nos ater neste momento. Espaços estes “ligados ao lado clandestino e subterrâneo da vida social” (LEFEBVRE, 2006, p.59), às inúmeras expressões artísticas, aos atos de resistência, são nestes espaços que procuramos encontrar as respostas para muitos de nossos questionamentos.

Na cidade de Sorocaba, o poder público do município projeta-se no nível do concebido das políticas públicas na condição do planejamento urbano que divide e recorta a cidade em seus planos, “aquele dos cientistas, dos planejadores, dos urbanistas, dos tecnocratas “retalhadores” e “agenciadores”” (LEFEBVRE, 2006, p.66) sem se ater inicialmente às práticas sociais que nela ocorrem. Em contrapartida, a atuação, a prática, o cotidiano das mulheres se insere em outro nível: o modo como vivem e transformam o espaço à sua volta demonstra claramente qual lugar é produzido, qual territorialidade se forma. Seus signos e símbolos vislumbram um espaço dos “habitantes” e “usuários”, criam assim “espaços de representação” segundo Lefebvre (2006, p.66). Espaços estes que se contrapõem aos espaços institucionalizados e criam novas redes de solidariedade, em que estas mulheres se reúnem, buscam soluções e alternativas, procuram formas de resistir e enfrentar as dificuldades do espaço urbano. Elas criam essas formas de resistência e apropriação através das demandas do próprio cotidiano, como no caso do combate à violência.

Nas páginas seguintes destacam-se os espaços de representação no município de Sorocaba e a relação com a atuação do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher.

Os caminhos percorridos para compreender os espaços das mulheres na cidade de Sorocaba – SP

O município de Sorocaba (figura 01) está localizado no interior do estado de São Paulo, a aproximadamente 100 km da capital paulista. A complexidade de seu espaço urbano pode ser

⁵ Conceito elaborado por H. Lefebvre referente aos níveis do real, presente na obra de Odete Seabra “O pensamento de Henri Lefebvre e a Geografia” Boletim Paulista de Geografia, nº74, São Paulo – SP, 1996.

observada em relação à diversidade de conteúdos socioespaciais, oportunidades de inserção no mundo do trabalho, instituições de ensino e pesquisa dentre outros e também do acirramento de conflitos sociais, a exemplo do aumento do número de feminicídios já citado anteriormente. Ademais, a cidade se tornou a sede da denominada Região Metropolitana de Sorocaba.

Figura 01. Localização do município de Sorocaba no Estado de São Paulo



Fonte: IBGE. <https://www.ibge.gov.br> Acessado em 03/12/2018

A cidade é marcada pela presença de inúmeros grupos e entidades que atuam na causa da mulher, com destaque para o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher e toda rede de apoio de prevenção e combate à violência e a formação de Promotoras Legais Populares (PLPs) através da ONG Plenu Cidadania que capacita mulheres para a atuação em suas comunidades em defesa dos direitos humanos das mulheres, garantindo caminhos de acesso à justiça.

Para compreender o espaço que as mulheres ocupam na cidade de Sorocaba, bem como as tensões existentes e a força de resistência, necessita-se entender como este espaço urbano se apresenta. Para tanto, participamos de inúmeras atividades com a temática relacionada à mulher na cidade, realizaram-se visitas a espaços, reuniões e eventos destinados ao combate à violência contra a mulher e promoção de direitos, no contexto de um dos dois principais movimentos de mulheres, articulado em torno do CMDM.

A frequência aos eventos e reuniões dos movimentos de mulheres na cidade ocorreu juntamente com a realização de entrevistas com algumas das lideranças destes movimentos.

Estas entrevistas foram realizadas segundo parâmetros das técnicas de história oral, com mulheres que atuam nos movimentos dentro da faixa etária de 30 – 60 anos. Com a participação, observação de campo e anotação em uma caderneta própria dos acontecimentos destas atividades, pôde-se conhecer melhor o cotidiano de luta dessas mulheres, bem como acompanhar a produção de formas diversas de apropriações do espaço.

Sem a participação nessas atividades seria muito difícil acompanhar os processos de produção dos espaços e a construção de territorialidades – o sentido da apropriação e do pertencimento – uma vez que o plano cartesiano dos eixos “x e y” não consegue abarcar toda a complexidade do urbano, do cotidiano, da vida, dos acontecimentos. Para tanto, é necessário compreender este espaço tal qual Henry Lefebvre apresenta em “A Produção do Espaço” (2006), através de uma teoria unitária, que considere o espaço mental, físico e social de tal modo que a prática social se torne indissociável do espaço, para além do espaço abstrato.

Ao longo dos trabalhos de campo, participação em eventos, atividades, conversas e entrevistas realizadas buscou-se estabelecer um diálogo, uma interação entre as partes de modo que essas mulheres “são convocadas a serem ‘sujeitos das pesquisas de que antes eram o ‘objeto’ de estudo” (BRANDÃO *apud* SILVA e SOUZA, 2014, p.530).

Ao acompanhar e participar dessas inúmeras atividades pode-se ver na prática essas tensões e contradições além de conhecer as dificuldades enfrentadas e os embates existentes com o poder público local.

Na cidade de Sorocaba, um dos espaços que se constitui como representação é a atuação do novo Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (CMDM), eleito em janeiro de 2018 para o biênio 2017-2019 (figura 02), que após muitos anos passou a ser um órgão deliberativo e, portanto, passou a ter mais poder nas decisões das políticas públicas do município.

Esta conquista foi resultado da luta de inúmeras mulheres para que o Conselho se tornasse mais autônomo e eficaz. Composto por 20 membros (10 representando o poder público e 10 a sociedade civil) o CMDM atua para a promoção de políticas públicas voltadas à mulher, com a criação de câmaras técnicas que auxiliem e organizem o trabalho das conselheiras em diversas áreas juntamente com a sociedade civil, abertas às que queiram participar. Foram criadas assim as seguintes câmaras técnicas ou grupos de trabalho: saúde, educação, cultura, violência de gênero, protagonismo da mulher e trabalho, visando organizar a luta e facilitar a atuação na cidade. A entrevistada 02 explicita a importância desta divisão do Conselho:

a gente criou algumas câmaras técnicas no conselho pra poder articular e melhor discutir as políticas públicas e fazer propostas para o município então eu faço parte

também da câmara técnica de saúde e de violência contra mulher (...) uma das áreas em relação às políticas públicas da mulher que eu vejo como importante cada vez mais.(ENTREVISTADA 02, 18 de set. 2018)

Figura 02 – Composição do CMDM atual.



Composição do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher eleito a partir de votação histórica realizada no dia 15 de janeiro de 2018 no prédio da Secretaria de Igualdade Social. Contou com a participação de mais de 200 mulheres no recinto, que puderam a partir da mudança da legislação, escolher sua presidência. Fonte: Disponível em:< <https://www.facebook.com/CMDMSorocaba/photos/a.542346496146411/732173477163711/?type=3&theater>>. Acesso em: 01 de ago. 2018.

A importância da formação deste novo conselho da mulher é demonstrada em várias falas durante as entrevistas, uma vez que todas as mulheres entrevistadas integram essa luta pela constituição de um conselho deliberativo e autônomo, a advogada e presidenta (como ela própria se denomina) do CMDM destaca a importância desta instituição para a cidade de Sorocaba, bem como de tantas outras:

o Conselho da Mulher é uma ‘coisa’ importante em Sorocaba, o Conselho da Mulher é o primeiro Conselho da Mulher do interior do Estado de São Paulo, então ele desde 87 existe. Nós temos a primeira delegacia do interior do Estado de São Paulo que é a DDM, nós temos o primeiro juizado de violência doméstica do interior do Estado de São Paulo, a gente tem a coordenadoria da mulher como muitas cidades ainda no Brasil não tem. (ENTREVISTADA 1, 05 de jul. 2018)

Como resultado deste primeiro ano do Conselho eleito, realizou-se a campanha de 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres, com início em 25 de novembro com o cine-debate do filme “No tempo das borboletas” - destaca-se que a atividade realizou-se no

CEU (Centro de Artes e Esportes Unificados) das Artes do Laranjeiras, bairro periférico da cidade, de modo a atrair para o debate as mulheres da região, que muitas vezes não estão presentes em outros espaços, por inúmeras dificuldades que encontram – a data escolhida marca o Dia Internacional da não violência contra a mulher, instituído pela ONU. O filme é uma homenagem às irmãs Mirabal, assassinadas pela ditadura da República Dominicana.

Durante 16 dias o Conselho desenvolveu inúmeras atividades na cidade de Sorocaba além do cine-debate, com uma Audiência Pública na Câmara Municipal de Sorocaba, panfletagem e roda de conversa na região central da cidade e nos shoppings populares, além de um ato em prol da Delegacia de Defesa da Mulher.

Ambas as atividades procuraram conscientizar a população acerca da violência contra a mulher e levar ao conhecimento público o funcionamento da rede de apoio que conta com a Delegacia de Defesa da Mulher, Centro de Referência da Mulher (CEREM), Casa Abrigo (CIM Mulher) além de outros serviços como o Centro Especializado de Reabilitação do Autor de Violência Doméstica (CERAV). Desse modo, cria-se um espaço de luta e resistência a partir de uma problemática, infelizmente tão presente em nossa sociedade patriarcal como a violência doméstica, através do auxílio às mulheres que porventura estejam vivendo esta realidade.

Ao conquistar um espaço dentro do município, através de muitos enfrentamentos, principalmente com relação ao poder público municipal, o CMDM fortalece o movimento de mulheres. A organização das mulheres cria espaços de representação, de apropriação e luta, espaços repletos de signos e códigos que estruturam territorialidades. O espaço das mulheres não está apenas no concreto, no material, mas também no simbólico, no subjetivo, tensionado e questionado a todo o momento. Faz-se necessário assim ampliar essas relações e lutas para as mulheres que ainda possuem dificuldade em acessar tais lugares, estender estes espaços de representação às periferias urbanas, às áreas rurais, à câmara dos vereadores, aos espaços de disputa e contestação, para assim buscar outra forma de produção do espaço urbano, que possibilite outras experiências, uma vez que “as forças produtivas (natureza, trabalho e organização do trabalho, técnicas e conhecimentos) e, obviamente, as relações de produção, têm um papel – a determinar – na produção do espaço” (LEFEBVRE, 2006, p.76).

Outras atividades desenvolvidas pelo Conselho foram ainda uma marcha e Audiência Pública em comemoração ao dia 08 de março em que é celebrado o dia Internacional da Mulher, além de um evento que ocorreu no dia 30 de março marcando o encerramento do Mês das Mulheres, com diversas atividades na região central da cidade (figura 03).

Figura 03 – Evento finalizando o Mês da Mulher



O evento realizado na praça central da cidade marcou o fim das comemorações do Mês da Mulher, e contou com a participação de vários movimentos e grupos com inúmeras atividades ligas à saúde, educação e cultura. Com apresentações artríticas, dança e música além de exposições. Fonte: Foto divulgada nas redes sociais. Disponível em:< <https://www.facebook.com/divademim/photos/a.963846787155261/963851507154789/?type=3&theater>>. Acesso em: 03 de abr. 2019.

Durante esse período de pesquisa, participamos de alguns eventos e atividades de relevância, sempre relacionadas à causa da mulher, acompanhou-se um pouco da atuação do Conselho Municipal e de algumas de suas principais lideranças, de modo que é possível identificar um movimento organizado de mulheres em torno da criação e atuação do CMDM. Da mesma forma, foi possível identificar um segundo movimento, sendo esse articulado em torno das práticas de arte e cultura protagonizado por mulheres. Ambos seguimentos (por assim dizer) se relacionam na constituição de uma cidade mais acolhedora para as mulheres.

Após a participação em algumas destas atividades foi observado os principais pontos de encontro das mulheres ao longo dos meses desse estudo, sinalizadores de territorialidades das mulheres em Sorocaba.

Na cidade de Sorocaba, há muitos espaços onde ocorrem eventos e atividades ligados à causa da mulher. Dentre eles, destaca-se o Sindicato dos Metalúrgicos que já sediou o festival

Ladies Rock Camp⁶, reuniões das Promotoras Legais Populares, reuniões do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, entre outras atividades e o Sesc Sorocaba que conta com programação destinada às mulheres e ao público LGBTQ+ através das apresentações do NÓS DIVERSOS em parceria com o Núcleo de Estudo de Gênero e Diversidade Sexual (NEGDS/UFSCar). Outros espaços aparecem com eventos esporádicos e constituem locais de possibilidade de encontros.

As diversas atividades e eventos relacionados à mulher concentram-se predominantemente na região central da cidade de Sorocaba, muito próximos, tendo apenas dois lugares que não se localizam nessa área. Os dois pontos que aparecem mais distantes são: a Câmara Municipal da Cidade de Sorocaba, local onde ocorreram as Audiências Públicas, bem como a formatura dos cursos de PLPs; e o CEU das Artes do Laranjeiras, bairro periférico da cidade de Sorocaba.

Há, portanto, uma presença muito clara de espaços centrais destinados às atividades das mulheres. Cabe aqui a noção de urbano periférico (BURGOS, 2008), pois as atividades dos movimentos de mulheres se situam, estrategicamente, na área do centro antigo da cidade, onde circulam as camadas populares e trabalhadores da cidade, nas proximidades dos terminais de ônibus. Contudo, deve-se ressaltar a escassez dessas mesmas atividades nas “periferias propriamente ditas” (BURGOS, 2008) e afastadas do centro da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação das territorialidades resulta de um movimento das mulheres em busca de espaços para suas demandas através de uma produção espacial pautada nas necessidades cotidianas como o combate à violência. Instaura-se assim, inicialmente uma territorialidade na região central da cidade de Sorocaba, que recebe diversos eventos e atividades relacionados a causa da mulher, pela facilidade de locomoção, - uma vez que na mesma região existem dois

⁶ Definido segundo o próprio site como “uma organização comunitária da sociedade civil, sem fins lucrativos, baseada no trabalho voluntário e doações, que tem por objetivo promover o empoderamento de meninas e mulheres através da música”. Com duração de uma semana, o acampamento "ladies" oferece uma oportunidade para as mulheres acima de 21 viverem a experiência empoderadora em se ter uma banda de rock. Disponível em: <https://www.girlsrockcampbrasil.org/ladies-rock-camp-brasil?fbclid=IwAR2pluMJ_v0TZwj1cDIS4Shyl1YjyB9VYRVAoNnVeHTgbfR7VTUW96W4fYQ>. Acesso em: 15 de mar. 2019.

terminais de ônibus e uma rodoviária - por congregar vários serviços e também pelo fato de que as mulheres empenhadas na organização desses inúmeros eventos vivem em bairros diferentes.

Destaca-se neste momento a falta de espaços e atividades voltadas mais às áreas periféricas da cidade, mais distantes do centro. Com essa limitação espacial das atividades, muitas mulheres de regiões mais afastadas podem ainda não ter acesso facilitado a essas ações, tanto de conscientização, combate a violência ou de integração e comemoração das vitórias alcançadas pelo movimento de mulheres. Contudo, observa-se que o movimento ao alcançar, por exemplo, o funcionamento 24 horas da Delegacia da mulher, garante benefícios que se estendem para todas. Entende-se também que neste momento a concentração das atividades e ações relacionadas à mulher nesta região da cidade pode ser parte de uma estratégia de fortalecimento do movimento, de modo a atrair mulheres de inúmeras partes para o centro de Sorocaba para que posteriormente elas possam espalhar as ações por seus bairros.

Essas territorialidades expressam espaços de representação por estar muito vinculadas à prática cotidiana, aos dramas da vida e aos desafios de ser mulher numa sociedade patriarcal ao mesmo tempo também se caracterizam por representações do espaço já que nessas territorialidades estão mulheres que são lideranças e que vão exercendo esse duplo papel de viver o cotidiano e estar ao mesmo tempo nas instâncias de representação, sempre com uma observação de até que ponto essas representações não vão se distanciar da realidade dos espaços de representação. Por fim, essas territorialidades se dão, sobretudo por conta da identidade e da solidariedade da agenda comum de luta que unifica as diferentes pautas, as diferentes frentes de lutas e os diferentes movimentos de mulheres, isso caracterizaria esses territórios como espaço concreto que demonstra a força desses movimentos.

REFERÊNCIAS

BURGOS, R. **Periferias urbanas da metrópole de São Paulo: o chão dos catadores no urbano periférico**. Tese. Depto Geografia, FFLCH/USP, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd.Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006

_____. *Ao redor do ponto crítico*. In: **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. p. 71-83

_____. *Ao redor do ponto crítico*. In: **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro. 2001. p. 71-83

_____. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo. Editora Ática, 1991. 85

_____. *Sobre a forma urbana*. In: **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. p. 85-91

_____. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MACHADO, Talita Cabral; RATTTS, Alecsandro J. P.. *As Mulheres e a Rua: Entre o Medo e as Apropriações Feministas da Cidade de Goiânia, Goiás*. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 1, p. 194213, 2017. ISSN 21772886.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. **Rev. Brasileira de Ciências Sociais**. 2002, vol.17, n.49, p.11-29.

MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de História Oral**. 4ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo. Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SEABRA, O. C. L. *O pensamento de Henri Lefebvre e a Geografia*. In: **Boletim Paulista de Geografia**. Nº 74. São Paulo: AGB, 1996. p. 7-21

SEABRA, O. C. L. *Territórios do uso. Cotidiano e modo de vida*. In **Revista Cidades** v. 1, n. 2 (2004). p. 181-206

SILVA, Aline A. e SOUZA, Kátia R. *Educação, pesquisa participante e saúde: As ideias de Carlos Rodrigues Brandão*. *Trabalho, Educação e Saúde* [en linea] 2014, 12 (Septiembre-Diciembre): [Fecha de consulta: 8 de abril de 2019] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406756989004>> ISSN 1678-1007>. Acesso em: 30 de mar. 2019.

SILVA, Joseli M. *Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano*. **Geosul, Florianópolis**, v. 22, n. 44, p 117-134, jul./dez. 2007.

SILVA, Susana M. V. *Geografia e gênero/Geografia feminista - o que é isto?* **Boletim Gaúcho de Geografia**, 23: 105 - 110, março, 1998.

SOUZA, Marcelo L. *Da “diferenciação de áreas” à “diferenciação Socioespacial”: a “visão (apenas) de sobrevôo” como uma tradição epistemológica e metodológica limitante*. **Cidades**, v. 4, n. 6, 102 2007, p. 101-114